

Saudação a Paulo Ayrton

Manoel Albano Amora

Nesta noite, neste *auditorium*, o Instituto do Ceará, no cumprimento de artigo do seu Estatuto, dá posse a um novo sócio.

O Instituto do Ceará, quase centenário, é, como já foi dito por pessoa autorizada, o nosso ápice cultural.

História, Geografia, Antropologia são as ciências por ele cultivadas.

Quando Paulino Nogueira e seus onze companheiros, Joaquim Catunda, Perdigão de Oliveira, Guilherme Studart, Júlio César da Fonseca Filho, Padre João Augusto da Frota, Antônio Augusto de Vasconcelos, Antônio Bezerra, Virgílio Brígido, José Sombra (Sênior), Virgílio de Moraes e Juvenal Galeno, no dia 4 de março de 1887, procederam ao ato da sua criação, além de haverem fundado uma academia, que é sobretudo de história, estavam também fazendo história.

Não há, na terra alencarina, instituição congênere ou de outras finalidades culturais que o supere em importância nem mesmo que com ele rivalize. Uma revista magnífica, publicada sem interrupção há noventa e nove anos e contendo ensaios eruditos e documentos e informações valiosos sobre a terra e o homem do Ceará; a publicação de duas coleções de livros, em alentados volumes, sobre a história desta gleba e seus vultos insignes; um boletim informativo; a organização de precioso arquivo, biblioteca e hemeroteca; a construção de monumentos a eventos históricos de alta significação e a conterrâneos que souberam exaltar o nome da terra comum são títulos que o credenciam a um real prestígio no meio em que é sediado e fora das fronteiras provinciais. Há tempos, aliás, o

escritor José Stênio Lopes disse que se no Rio de Janeiro a Academia Brasileira de Letras detinha o primado dentre as sociedades cultas, entre nós era o Instituto do Ceará que ocupava essa eminente posição.

A divisa da corporação — *Dedimus Profecto Grande Patientia Documentum*, traduzida para o vernáculo por — “Em verdade, demos exemplo de muita paciência”, representou o propósito dos fundadores naquele passado memorável e hoje é símbolo de uma ancianidade profícua.

Nas velhas poltronas têm tido assento representantes da intelectualidade local e regional.

Com tantos préstimos, depois de afamado ao longo dos anos, o Instituto do Ceará alcançou a glória.

Embevecidas, figuras da maior projeção na província vêm na eleição para a sociedade uma consagração. Mas, só os escritores, geralmente historiadores, que lhe sejam afeiçoados, os que a amem verdadeiramente, e portadores das credenciais exigidas, nela devem ser admitidos. É como se a pessoa moral do Instituto, dirigindo-se ao pretendente, o advertisse, nos termos do verso de Elizabeth Barrett Browning ao seu namorado: “Ama-me por amor do amor somente.”

Cultura e civismo são os dois fundamentos da grandeza do venerando sodalício.

Acolhendo o escol intelectual, sem distinguir profissões, vem ele ultimamente deferindo a pretensão de ingresso no seu grêmio de membros proeminentes do Exército Brasileiro. Por que também o procuram? Pelo sagrado amor da Pátria. E o Instituto é um templo de amor à Pátria grande e à pequena pátria, ao Brasil e ao Ceará. Certo é que, como versejou Castro Alves, o grande poeta social,

“nem cora o livro de ombrear com o sabre
nem cora o sabre de chamá-lo irmão.”

Chega-nos agora Paulo Ayrton Araújo, ainda moço, guapo coronel de engenharia e bacharel e licenciado em matemática. Sóbrio, de fino trato, leal, prestimoso, nele se destacam as virtudes militares e as qualidades de um bom civil.

É pessoa que possui expressivo *curriculum vitae*, cuja síntese se encontra em uma das páginas do Anuário do Conselho de Ensino do Colégio Militar de Fortaleza.

Camocim, uma pérola engastada à beira-mar, na zona norte da província, *Camocy*, no vocabulário indígena, bela e florescente cidade, é o berço de Paulo Ayrton. É ele, assim,

oriundo de uma região fecunda em valores humanos, como Clóvis Beviláqua, Farias Brito, Domingos Olímpio, Visconde de Sabóia, Padre Antonio Tomaz, Tibúrcio, Sampaio, Raimundo Cela, Pinto Martins.

Autor de alguns trabalhos de cunho historiográfico, *A Seca de 1877 vista por um Norte-Americano*, *Um Documento Histórico*, *Marechal Mário Travassos* e *A Engenharia da F.E.B.*, Paulo Ayrton, com eles, dá satisfação à sua vocação de tradicionalista.

Antigo freqüentador do Instituto Arqueológico Pernambucano, é admirador extrênuo, de longa data, portanto, não extemporâneo, do Instituto do Ceará, no qual figura como um dos Amigos. Ocupa também uma cadeira de sócio efetivo na Sociedade Cearense de Geografia e História.

Ainda capitão, quando servia em Crateús, testemunhou o terrível flagelo climático de 1958, e anotou os principais incidentes para a feitura de futuro ensaio histórico-sociológico.

Possuidor de espírito artístico e cívico, é cultor da Medalhística, conhecimento afim da Heráldica.

Pertence Paulo Ayrton a estirpe dos militares voltados para o estudo do passado, a exemplo daqueles cearenses que, vivendo fora da terra natalícia, ocuparam-se da história com os olhos fixados no Brasil, Genserico Vasconcelos, Aníbal Barreto e Manoel Thomaz Castelo Branco.

Americanista, realiza um trabalho de aproximação cultural com os Estados Unidos da América do Norte, esforço que, embora tenha por base a reciprocidade, é feito mais em proveito da "brava gente brasileira" do nosso torrão. A sua atuação como presidente do Instituto Brasil-Estados Unidos tem sido das mais dinâmicas.

A educação veio a ser, porém, o mister primordial do ilustre camocinense.

Professor de Matemática do Colégio Militar, aí ascendeu a subdiretor de Ensino. Como complemento do seu exercício na cátedra, publicou o folheto *Por que decorar fórmulas?* e escreveu dois relatórios, um relativo às atividades de 1962, da Seção de Matemática, e outro sobre a participação que teve no IV Congresso Brasileiro de Ensino da mesma disciplina. Da sua autoria é também um escrito a respeito da apresentação da Bandeira Nacional.

Num setor de maior amplitude, foi Secretário de Educação do Ceará, no governo do Coronel César Cais de Oliveira Filho. Na nova função, procedeu com o entendimento de que a educação, *processus* de adaptação do indivíduo ao meio social, deve

compreender a educação de maneiras, de sentimentos, de princípios, a oferta de conhecimentos para a luta pela vida e o preparo dos melhores, cultural e moralmente, para a direção das comunidades livres. Nunca deve ser apenas científica e técnica, mas profundamente humanística. Pensou como Kant, que “o fim da educação é o de desenvolver, em cada indivíduo, toda a perfeição de que ele for capaz”.

Normas reguladoras do ensino, reajustamento dos quadros do magistério, abertura de novas salas de aulas, restauração e instalação de grupos na Capital e no interior, critério na escolha de auxiliares e dos membros da Junta de Planejamento, elaboração do Estatuto do Professor, a formulação do Plano Estadual de Educação, a reunião em Fortaleza de um Encontro Nacional de Educadores compõem o acervo de realizações e procedimentos do titular. E teve este ainda de concluir alguns trabalhos iniciados pelo antecessor na pasta, Monsenhor André Viana Camurça.

O Plano Estadual de Educação, elaborado por especialistas, abrange toda a problemática educacional, contendo itens alusivos ao aparelhamento da Secretaria e das unidades escolares, demorando-se no tocante aos instrumentos de execução com muita objetividade.

Toda essa atuação revela também o administrador, que útil será a este cenáculo, cujo maior problema, no campo cultural, é o do prosseguimento da publicação da grande História do Ceará, planejada pelo inolvidável Thomás Pompeu Sobrinho.

A escritora Adísia Sá, em artigo publicado na imprensa, disse que, “De justiça, Paulo Ayrton foi o educador que chegou a Secretário”.

Como Juscelino Kubitschek, que, ao ser recebido na Academia Mineira de Letras, referiu-se à cidade de Brasília dizendo ser ela a poesia resultante do seu estro, poderá Paulo Ayrton afirmar que a história que escreveu foi o que realizou na Secretaria de Educação, onde, difundindo a instrução a crianças e adolescentes, contribuiu talvez para a formação de novos historiadores, geógrafos e antropólogos, com assento, no futuro, no seu sonhado Instituto.

Orna-lhe o peito a Medalha da Ordem do Mérito Educativo.

Em Paulo Ayrton, cujos serviços e ideais são reconhecíveis, o que mais realça mesmo é o homem, mais do que o artista do verbo ou da pena. Se tivesse ele de fazer opção entre a verdade e a beleza, optaria pela verdade, mas fraternizaria logo com a beleza.

A admissão de tão distinta personalidade no Instituto tem o apoio da norma consuetudinária dos expoentes, de caráter excepcional, adotada pela Academia Francesa, sugerida por Joaquim Nabuco em missiva a Machado de Assis, presidente da Academia Brasileira de Letras, e hoje de geral aceitação. E que é o expoente, senão pessoa de grande importância?

Puschkin, poeta russo de 1799, é autor de poema famoso, "O Cavaleiro Pobre". Nele, o aedo, segundo o tradutor, Olavo Bilac, Príncipe dos Poetas Brasileiros, diz que se ninguém soube quem era o cavaleiro pobre. Mas, no momento que ora vivemos, não se trata de pobreza nem de cavaleiro, e sim de riqueza de atributos e de gentil-homem. Adaptando o poesia à realidade, é admissível se perguntar, dando mais vigor à expressão, se alguém conhece um cavalheiro nobre. E nenhum cearense deixará de apontar um nome: Paulo Ayrton Araújo.

No Instituto do Ceará, com direito de vitaliciedade, figurará doravante mais um amoroso das tradições e servidor da cultura, que sabe honrar a vida que a munificência de Deus lhe concedeu.

A Paulo Ayrton Araújo, esta Casa, que é do Barão de Studart, recebe com efusivo abraço.